

# A condução da vida cotidiana na perspectiva do sujeito: contribuições da Psicologia Crítica Alemã

Jacqueline Meireles. Universidade Federal de São João del-Rei

## Resumo

Este trabalho aborda a centralidade do cotidiano na experiência humana, destacando as contribuições da Psicologia Crítica Alemã (PCA), especialmente as de seu precursor, Klaus Holzkamp. Examina, por um lado, críticas de Holzkamp sobre as generalizações que a Psicologia tradicional faz a partir de estudos descolados dos contextos de vida e, por outro lado, os limites de se estudar a temática no âmbito da Sociologia. Isso porque os estudos sociológicos abordam a condução de vida a partir de uma perspectiva externa, em “terceira pessoa”. Argumenta-se que as contribuições da PCA têm o potencial de superar essa problemática ao discutir a condução da vida cotidiana em “primeira pessoa”, considerando a perspectiva do sujeito, suas maneiras de atribuir significado à realidade e suas razões para agir. Assim, esse enfoque pode enriquecer teórica e metodologicamente as pesquisas em Psicologia fundamentadas na realidade concreta, e fornece uma base teórica fecunda para discutir a relação indivíduo/sociedade. **Palavras-chave:** cotidiano; Klaus Holzkamp; psicologia social; atividades cotidianas; relações pesquisador-sujeito.

## Abstract

*Conduct of everyday life from the subject's perspective: contributions of German Critical Psychology.* This paper addresses the centrality of everyday life in human experience, highlighting the contributions of German Critical Psychology (GCP), especially those of its precursor, Klaus Holzkamp. On one hand, it examines Holzkamp's critiques of the generalizations made by traditional Psychology based on studies detached from life contexts, and on the other hand, the limitations of studying the subject in the field of Sociology. This is because sociological studies approach life conduct from an external perspective, in “third person”. It is argued that the contributions of GCP have the potential to overcome this issue by discussing the conduct of everyday life in “first person”, considering the subject's perspective, their ways of attributing meaning to reality, and their reasons for action. Thus, this approach can enrich both theoretically and methodologically psychological research grounded in concrete reality and provides a fruitful theoretical basis for discussing the individual/society relationship.

**Keywords:** everyday life; Klaus Holzkamp; social psychology; everyday activities; researcher-subject relations.

## Resumen

*Conducta de la vida cotidiana desde la perspectiva del sujeto: Contribuciones de la Psicología Crítica Alemana.* Este trabajo explora la centralidad de lo cotidiano en la experiencia humana, resaltando contribuciones de la Psicología Crítica Alemana (PCA), especialmente las de su precursor, Klaus Holzkamp. Se examinan críticas de Holzkamp hacia las generalizaciones de la Psicología tradicional basadas en estudios desconectados de los contextos de vida, así como los límites de estudiar esta temática en el ámbito de la Sociología. Dado que los estudios sociológicos abordan la conducta de la vida desde una perspectiva externa, en “tercera persona”, se argumenta que las contribuciones de la PCA tienen el potencial de superar esta problemática al discutir la conducta de la vida en “primera persona”, considerando la perspectiva del sujeto, sus formas de atribuir significado a la realidad y sus razones para actuar. Este enfoque enriquece tanto teórica como metodológicamente la investigación psicológica basada en la realidad concreta y proporciona una base teórica fructífera para discutir la relación individuo/sociedad.

**Palabras clave:** cotidiano; Klaus Holzkamp; psicología social; actividades cotidianas; relaciones investigador-sujeto.

## Introdução

“A vida cotidiana é . . . a forma elementar da existência humana: não há nenhum ser humano que não esteja situado em uma cena da condução da vida cotidiana” (Holzkamp, 2013, p. 314, tradução livre).

Esse trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições da Psicologia Crítica Alemã a respeito da condução da vida cotidiana, ressaltando como essa abordagem pode enriquecer intervenções e pesquisas da Psicologia em contextos cotidianos. Com as palavras da epígrafe, o psicólogo alemão Klaus Holzkamp afirma de maneira categórica a centralidade do cotidiano na experiência humana, algo que parece tão evidente quanto a afirmação de que todo ser humano respira enquanto vivo. Desde o momento em que acordamos até o instante em que vamos dormir, as atividades em que nos engajamos moldam nosso desenvolvimento e constroem o curso de nossa vida.

Na década de 1980, Holzkamp e seus colaboradores reconheceram no estudo da condução da vida cotidiana um importante caminho para a compreensão da relação indivíduo/sociedade. Ao conduzir a vida, as pessoas reproduzem, negociam e constroem mudanças nas estruturas sociais, reconhecendo as possibilidades e restrições socialmente estabelecidas. Retomando a tradição epistemológica de psicólogos soviéticos, tais como Lev Vigotski e Alexis Leontiev, Holzkamp compreende que o sujeito, ao se relacionar com o outro e agir com ele sobre um mundo concreto, modifica-se também a si mesmo.

Se o cotidiano é central na constituição da subjetividade humana, é razoável supor que seu estudo seja igualmente central na ciência que busca conhecê-la e explicá-la, a Psicologia. No entanto, Mary Jane Spink e Peter Kevin Spink (2017) apontam que até meados do século XX, os estudos psicológicos situavam-se no paradigma experimental, realizados principalmente em laboratórios. A “virada para o mundo real” acontece principalmente nos anos 1960-1980. Em rechaço à Psicologia Social norte-americana, autores(as) da Psicologia Social latino-americana se empenharam em desenvolver pesquisas situadas em contextos cotidianos, principalmente por meio da pesquisa-ação participação. Essa abordagem, cujo fundador e um dos principais representantes é Orlando Fals Borda (1925-2008), enfatiza a participação dos sujeitos na construção do conhecimento, colocando a investigação científica a serviço das lutas populares (Calderón & Cardona, 2014).

Neste cenário, uma série de estudos sobre o cotidiano surgiram no Brasil. Spink (2014) explora como o debate em torno do cotidiano ganhou destaque com o surgimento da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso), e se tornou uma temática cada vez mais presente em seus encontros. A autora destaca a diversidade de abordagens teóricas que discutem a temática, que vão desde a teoria das representações sociais até fundamentos da antropologia baseados em estudos etnográficos, incluindo também abordagens fundamentadas no materialismo histórico-dialético (MHD).

Spink e Spink (2017) apontam que, embora existam teorias amplamente reconhecidas na Psicologia, como aquelas fundamentadas no marxismo, como a de Agnes Heller, ou em outras bases teóricas, como as de Michel de Certeau, suas discussões tendem a centrar-se predominantemente na Sociologia, oferecendo uma perspectiva em “terceira pessoa” sobre o sujeito que vivencia o cotidiano. Afirmam, ainda, que essas teorias “tiveram dificuldades em conceder aos atores cotidianos algo mais que uma capacidade de reação tática” (p. 594). Neste trabalho são apresentadas as compreensões advindas da Psicologia Crítica Alemã (PCA) e argumenta-se que elas têm o potencial de superar essa problemática ao discutir a condução da vida cotidiana em “primeira pessoa”, levando em consideração a perspectiva do sujeito. Assim, esse enfoque tem o potencial de enriquecer tanto teórica quanto metodologicamente as pesquisas psicológicas ancoradas na realidade concreta.

Uma das mais significativas contribuições sobre o tema na PCA é o livro organizado por Ernst Schraube e Charlotte Højholt, docentes da Universidade de Roskilde – Dinamarca: *Psychology and conduct of everyday life*, publicado em 2016 pela editora Routledge (Schraube & Højholt, 2016). O livro foi sintetizado por Guzzo (2016) em português. No entanto, apesar de anos terem se passado desde sua publicação, a obra permanece pouco conhecida no Brasil.

Para articular o argumento anunciado, o artigo parte de uma discussão a respeito das traduções do conceito de condução da vida cotidiana e discute seu nascimento no campo da Sociologia. As quatro sessões seguintes dedicam-se a apresentar as discussões da PCA, partindo da exposição do contexto em que a teoria é desenvolvida e seguindo para a apresentação das críticas de Holzkamp à Psicologia tradicional; a exposição da ideia de capacidade de ação e perspectiva do sujeito; e, por fim, o conceito de condução da vida cotidiana. A exposição

segue, em certa medida, a linha do tempo em que a própria teoria foi desenvolvida. Com isso, apresenta-se um convite para o aprofundamento e a leitura crítica das contribuições da PCA a respeito da relação indivíduo/sociedade no processo de condução da vida cotidiana.

## Considerações iniciais sobre o termo conduta de vida: “*Lebensführung*” e suas traduções

O termo “conduta de vida” se faz presente na obra de Holzkamp a partir dos estudos de um grupo de sociólogos(as) de Munique, como explicitado mais adiante. Esse grupo discute o termo tal como foi introduzido na obra do sociólogo Max Weber, principalmente em *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, em que analisava as particularidades das práticas cotidianas de alemães da religião protestante e sua relação com a estrutura de sociabilidade capitalista (Weber, 1904/2004). De acordo com Abel e Cockerham (1993), a palavra foi erroneamente traduzida do original alemão “*Lebensführung*” para a língua inglesa como “*lifestyle*” (estilo de vida), o que gerou problemas de compreensão da obra. Os autores apontam que “estilo de vida” aparece na obra de Weber como “*Lebensstil*” e seria um conceito mais amplo, cujos componentes básicos seriam as oportunidades de vida (*Lebenschancen*) e a conduta de vida (*Lebensführung*).

Segundo Jurczyk, Voß e Weihrich (2016), “conduta de vida” refere-se às ações humanas e às relações estabelecidas entre as atividades realizadas por um indivíduo enquanto busca conduzir sua vida diante de diferentes contextos e demandas. Dessa forma, representa uma conquista ativa por parte de um sujeito que age não apenas como reflexo de estruturas sociais, mas como alguém que responde de forma adaptativa ou busca modificá-las, mesmo diante de diversas limitações.

A tradução de *Lebensführung* para o português apresenta, igualmente, algumas divergências. Ao traduzir a obra de Georg Lukács (2018), por exemplo, Sérgio Lessa opta pelo termo “modo de vida”, no entanto, o tradutor usa a mesma expressão para *Lebensweise*, que seria uma tradução mais literal. Uma alternativa é o termo “conduta”, escolhido por José Marcos Maria Macedo, tradutor da obra de Weber ao português. No entanto, esse termo é mais comumente utilizado no Brasil como um sinônimo para comportamento, e menos como “ato de conduzir”. Na obra *O cotidiano e a História*, de Ágnes Heller, sobre a qual nos referimos mais adiante neste

texto, a mesma palavra alemã é traduzida por Nelson Coutinho e Leandro Konder como “condução de vida”, opção que parece menos ambígua e, por isso, é a forma escolhida para traduzir o conceito neste artigo.

## O desenvolvimento do conceito de condução de vida na Sociologia

Segundo Schraube e Højholt (2016), os estudos sobre a vida cotidiana ganharam força em meados do século XX, com sociólogos e filósofos desenvolvendo um vocabulário sólido para analisar suas características. Como um exemplo mais conhecido no Brasil, retomamos a obra da filósofa húngara Ágnes Heller (1929-2019), cujo livro *O cotidiano e a História* foi traduzido para o português e inserido em alguns currículos de Graduação em Psicologia.

Heller (1970) aborda a vida cotidiana como ponto de partida e destino de todo fazer histórico, todo grande feito da humanidade. Todas as pessoas vivem o cotidiano, ainda que não estejam o tempo todo imersas nele. Isso ocorre porque cada indivíduo é único, com suas particularidades, mas também é parte do gênero humano, absorvendo ao longo da vida aspectos desenvolvidos pela humanidade e contribuindo para a produção cultural. Para a autora, a estrutura social moderna prioriza o particular/individual na organização hierárquica das atividades cotidianas, dificultando ou impedindo que muitos indivíduos se elevem do cotidiano para a dimensão do humano-genérico.

Se por um lado a vida cotidiana é a vida da pessoa inteira, que dela participa com toda sua personalidade e capacidades, por outro lado é impossível que realize nela todas as suas potencialidades de desenvolvimento. Isso porque a própria estrutura do cotidiano é constituída por características que impedem ou dificultam a dedicação necessária para tal. Dentre as características apontadas por Heller (1970) estão a espontaneidade e o pragmatismo do agir cotidiano; o economicismo que reduz os pensamentos e as atividades ao mínimo necessário para a reprodução da vida; a confiança básica nas estruturas que possibilitam a reprodução da vida; e o juízo provisório, que estaria na base dos preconceitos. Quando essas características se cristalizam, podem promover o potencial alienante da vida cotidiana, levando o indivíduo a limitar sua existência ao cumprimento de papéis sociais.

A vida cotidiana requer a distribuição de esforços e tempo entre uma variedade de atividades como trabalho, vida privada, lazer, descanso etc. Devido a essa natureza heterogênea, é necessário estabelecer

uma hierarquia, isto é, organizar a priorização de cada atividade, o que é mais ou menos determinado culturalmente. A gestão consciente da vida cotidiana é o que entendemos por condução da vida.

Sendo assim, Heller não compreende a vida cotidiana como intrinsecamente alienante. Na condução da vida cotidiana há momentos que demandam uma quebra com as formas espontâneas do agir, como em escolhas morais, que colocam as características particulares do indivíduo a serviço da realização do gênero humano. Inspirada pela obra de Lukács, de quem foi aluna e assistente, Heller destaca, também, as ciências e as artes como modalidades mais duradouras de elevação da cotidianidade. Isso porque, apesar de artistas e cientistas fazerem parte de uma estrutura cotidiana, sua própria atividade laboral exige que concentrem toda a atenção e que se dediquem inteiramente à tarefa em questão. Essas características – concentração e dedicação integral – combinadas constituem a busca pela homogeneização do cotidiano, a possibilidade de imprimir sua personalidade no que se faz e colocar sua individualidade a serviço do humano-genérico.

Apesar de essa obra perpassar a discussão sobre a condução de vida, o foco está na análise de como a pessoa, em sua particularidade, produz história a partir da vida cotidiana e na problematização desse processo na estrutura capitalista. O conceito de condução de vida como objeto de análise, utilizado no início do século XX por Weber, foi retomado apenas nos anos 1980. Conforme apontam Jurczyk *et al.* (2016), as aceleradas mudanças estruturais ao longo do século XX, resultantes da industrialização e modernização, tiveram grandes impactos no cotidiano das pessoas, mas não havia um quadro teórico estabelecido para sua análise. Para suprir essa lacuna, o Centro Colaborativo de Pesquisa 333 (*Sonderforschungsbereich 333*) foi estabelecido em 1986 na Universidade de Munique. O grupo passou a desenvolver pesquisas empíricas sobre a vida cotidiana na Alemanha abrangendo os anos de meados da década de 1980 até o início dos anos 1990. Dentre os temas de interesse estavam as mudanças nos papéis de gênero, com um número crescente de mulheres trabalhando fora de casa, e as mudanças na condução de vida das pessoas após a queda do Muro de Berlim, especialmente das que viviam na Alemanha Oriental.

Dentre as conclusões destas pesquisas, Jurczyk *et al.* (2016) destacam que a modernização traz uma tendência à racionalização da condução de vida, uma busca consciente de fazer arranjos que promovam maior

eficiência. Além disso, há um processo de individualização da condução de vida, que, não necessariamente implica um aumento da autonomia, mas sim enfoca a responsabilização do indivíduo por sua autorrealização. Observa-se também uma equalização das relações de gênero em alguns aspectos, com a mulher conquistando novas possibilidades de trabalho e ação, embora persistam contradições do passado, resultando em problemas como sobrecarga de trabalho ou salários mais baixos para as mulheres. Por fim, destaca-se a chamada “*workification*”, ou a absolutização do trabalho na vida cotidiana, que gera cada vez mais demandas e complexifica a integração das diferentes esferas da vida cotidiana. Como resultado, observa-se uma transferência da lógica do trabalho para outras esferas, como o ambiente domiciliar. Em situações de mudanças radicais, a condução da vida pode se configurar tanto como uma restrição quanto como um recurso para lidar com as novas condições.

Paralelamente a essas pesquisas, o grupo desenvolveu o conceito teoricamente, permitindo uma compreensão e interpretação mais sólidas das informações. O conceito foi diferenciado da ideia de “curso de vida” (*life course*), que se constitui como uma área de pesquisa distinta, dada sua natureza mais biográfica. Ao postular a condução da vida cotidiana como a categoria mediadora entre as estruturas sociais e o sujeito, a ênfase foi colocada no escopo de ação dos sujeitos e nas possibilidades de mudança dessa estrutura, que surgem a partir da ação coletiva (Holzkamp, 2016b). Ao conduzir a vida em diferentes contextos, o sujeito não é apenas um reflexo de uma determinada estrutura social, mas se posiciona em relação a ela por meio de atividades integradas com outros sujeitos, moldando e modificando essas estruturas através de um sistema de arranjos da vida cotidiana (Jurczyk *et al.*, 2016).

O grupo de Munique se diferenciou da Sociologia tradicional, que geralmente parte de uma análise das estruturas sociais para compreender o comportamento das massas, posicionando-se como uma Sociologia “sujeito-orientada”, isto é, que orienta sua compreensão dos fenômenos sociais partindo da vida dos sujeitos. Isso levanta a questão: se, na divisão convencional do escopo de cada disciplina, a Sociologia toma por objeto a sociedade e a Psicologia toma o indivíduo, qual o sentido de uma Sociologia sujeito-orientada? Aqui, a própria divisão é questionada pelo grupo de Munique, visto que a moderna divisão das disciplinas em dimensões tão segregadas dificultou tanto a compreensão do “indivíduo” quanto da sociedade.



## O nascimento da Psicologia Crítica Alemã

Na mesma época, semelhantes questionamentos despontavam na Psicologia berlinense e se integravam às críticas que originaram a Psicologia Crítica Alemã (PCA). Antes de abordar as contribuições dessa perspectiva sobre a relação indivíduo/sociedade, é necessário contextualizar seu surgimento, que será feito com foco na trajetória de seu precursor, o psicólogo alemão Klaus Holzkamp (1927-1995). A PCA, no entanto, não foi um empreendimento individual: Holzkamp construiu seu pensamento em colaboração com estudantes e colegas como Ute Osterkamp, Morus Markard, e Wolfgang Maers, dentre outros(as) (Teo, 1998).

Holzkamp integrou o corpo docente da Universidade Livre de Berlim em 1949, um ano após sua fundação. A Universidade Livre emergiu na Alemanha em um contexto pós-guerra marcado pelos resquícios do regime nazista e seu nome reflete o ideal de liberdade frente às estruturas autoritárias que dominaram muitas universidades no período. Nos primeiros anos de carreira, Holzkamp investigou preconceitos nacionais e a percepção social. Após seu doutorado em 1957, dedicou-se a pesquisar o problema das bases teórico-científicas e metodológicas da Psicologia, criticando a inexistência de critérios claros de apreciação sobre os resultados de estudos experimentais (Schraube & Osterkamp, 2013). Para Holzkamp (1964), a experimentação em condições artificiais interfere nos resultados e tal conhecimento não pode ser considerado neutro, pois reflete a visão de mundo do experimentador, resultando em generalizações abusivas.

Esse período inicial da obra de Holzkamp é classificado por Teo (1998) como pré-crítico. Isso porque, segundo Teo, há quatro importantes momentos de virada, em que o autor critica e revisa a própria obra. O segundo, de 1968 a 1972, é chamado crítico-emancipatório; o terceiro, crítico-conceitual (1972-1983); e o quarto, sujeito-científico (1984 até sua morte).

O nascimento da PCA pode ser situado no período crítico-emancipatório. Nesse contexto, acompanhando os movimentos sociais globais, os politizados movimentos estudantis de Berlim e Frankfurt, formados no pós-guerra, organizaram diversos debates na universidade. Em 1967, esses estudantes foram responsáveis pela criação de uma universidade crítica no interior da Universidade Livre de Berlim. No mesmo ano, em um debate sobre a relevância do conhecimento científico,

Holzkamp apresentou um artigo discutindo a diferença entre relevância técnica e emancipatória do conhecimento científico. Para ele, o behaviorismo, por exemplo, teria relevância técnica para controle do comportamento, mas não emancipatória, já que esse controle é exercido para a manutenção das condições sociais desiguais (Schraube & Osterkamp, 2013; Tolman, 2009). Em 1968, durante um debate sobre a suposta neutralidade política do conhecimento, foram identificadas as deficiências da Psicologia tradicional, chegando-se a um consenso de que, para ser relevante em suas práticas junto às pessoas comuns, a Psicologia precisaria se basear em uma sólida compreensão teórica da relação entre indivíduo e sociedade. Nessa mesma ocasião, estudantes confrontaram Holzkamp a respeito dos limites de suas críticas às questões epistemológicas da Psicologia, pois ainda estavam presas a uma concepção hegemônica de ciência. Esse questionamento levou Holzkamp a repensar fundamentalmente as noções psicológicas do ser humano e as correspondentes metodologias, bem como incluir em suas análises a própria função social da ciência (Schraube & Osterkamp, 2013).

Em 1970, por uma decisão democrática de diferentes atores da universidade, incluindo estudantes, o Instituto de Psicologia da Universidade Livre de Berlim passa a integrar a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, evidenciando a orientação crítica que o Instituto estava incorporando. Isso fez com que docentes ligados à Psicologia tradicional se incomodassem e organizassem um segundo Instituto de Psicologia. Holzkamp foi perseguido e desenvolveu grande parte de sua obra sob crescente hostilidade no ambiente acadêmico.

## Críticas à Psicologia tradicional

No terceiro período de sua obra, conhecido como período crítico-conceitual, Holzkamp aprofunda suas críticas à Psicologia tradicional, com ênfase no aspecto epistemológico. Ele destaca a tendência da Psicologia de alinhar-se às metodologias e linguagens das ciências naturais na busca por um status científico, o que, segundo o autor, compromete a compreensão das especificidades do fenômeno psicológico e sua relação com o contexto social.

Como resultado, as metodologias de pesquisa em diferentes abordagens da Psicologia seguem um “desenho padrão”, construído em um cenário artificial (laboratórios ou *setting* terapêuticos) caracterizados por três elementos principais: 1) um sujeito, que é objeto

de investigação, é inserido no cenário por um(a) experimentador(a) “neutro(a)”; 2) o(a) experimentador(a) seleciona alguns estímulos e apresenta ao sujeito; 3) a reação do sujeito a esses estímulos é registrada pelo(a) investigador(a) como dado de pesquisa. Essas características são unidas pelas instruções fornecidas pelo(a) experimentador(a), as quais são aceitas pelo sujeito investigado. Esse desenho padrão consolidou um quadro linguístico para a Psicologia, em que tudo deve ser compreendido em termos de “estímulos, respostas, variáveis”, o que dispensa os(as) pesquisadores(as) da necessidade de justificar e fundamentar suas pesquisas, concedendo-lhes uma aceitação prévia (Holzkamp, 2013).

No entanto, Holzkamp (2013) destaca uma questão básica negligenciada nesse processo: como transpor os resultados de experimentos de laboratório para a vida real? Por exemplo, em um experimento sobre memória com crianças, o ambiente controlado do laboratório, a presença de um(a) adulto(a) desconhecido(a) e a situação atípica podem gerar ansiedade, afetando o desempenho. Em contraste, em um cenário cotidiano, como a escola, com mais estímulos e uma atmosfera familiar, o desempenho da criança seria diferente.

Para Holzkamp (2013), o desenho padrão está na base de um dos principais problemas da Psicologia, que é a “falta de mundo”, expressão utilizada para caracterizar o tratamento de condições psicológicas de forma alheia à relação do sujeito com o mundo concreto. Assim, a Psicologia desenvolve-se a partir de uma cegueira deliberada sobre a condução da vida cotidiana, pois sem a possibilidade de controlar variáveis, ela teria pouco espaço para alcançar um status preditivo do comportamento. Ao teorizar sobre seres abstratos desconectados de seus contextos de vida, essa ciência deixou de ser relevante para aqueles aos quais deveria servir, principalmente os(as) mais excluídos(as) da possibilidade de participar da produção do conhecimento.

Diante deste “diagnóstico” sobre a Psicologia, Holzkamp (2013) aponta a necessidade de construir conhecimento sobre como seres humanos são capazes de integrar as estruturas do mundo desenvolvidas historicamente em suas experiências e ações. Para fazê-lo, Holzkamp encontra fundamentos essenciais em Karl Marx (1818-1883) e em psicólogos(as) que construíram a Teoria Histórico-Cultural, em especial, Alexei Leontiev.

## Capacidade de ação e perspectiva do sujeito

Se a Sociologia esbarra em limites para o desenvolvimento da condução da vida cotidiana por ser uma ciência em “terceira pessoa”, a Psicologia tem maior potencial de ampliar este conhecimento trazendo para a cena a perspectiva do sujeito, a “primeira pessoa”. Essas reflexões inauguram o que Teo (2019) denominou como o período sujeito-científico, quarto período da obra de Holzkamp.

Para elaborar esse conhecimento, Holzkamp (2013) parte do pressuposto de que a estrutura social e a cultura são como duas faces da mesma moeda, sendo a cultura a face que estaria “voltada ao sujeito”, isto é, apresenta-se ao sujeito como estrutura de significados. Diante dela, o sujeito irá dispor de algumas possibilidades de ação na condução de sua vida. Algumas dessas possibilidades serão mais evidentes, pois tendem a ser mais reforçadas nas relações sociais e nas mídias, justamente por colaborarem com a manutenção do poder hegemônico. Algumas possibilidades podem nem ser percebidas pelo sujeito, enquanto outras podem ser percebidas como impossíveis, mesmo que não o sejam. Em uma sociedade com maior liberdade, as possibilidades de ação tendem a ser mais generalizadas, enquanto sociedades mais autoritárias ou desiguais produzem possibilidades mais restritas.

Para ilustrar, considere o caso de uma professora que enfrenta problemas em sua rotina de trabalho, lidando com uma sala de aula superlotada e crianças bastante ativas e insubordinadas às regras da escola. Diante dessa situação, a punição pode parecer uma possibilidade de ação bastante evidente para a professora, uma vez que reflete sua própria experiência como aluna e a prática comum entre colegas de profissão. No entanto, essa abordagem não resolve os problemas subjacentes e pode até mesmo agravá-los. A professora pode não perceber outras possibilidades de ação no momento, como participar de um coletivo de professores, fortalecer a participação dos estudantes e de suas famílias e, por meio da ação coletiva, obter conhecimento sobre alternativas mais eficazes para lidar com questões como o sucateamento da Educação e a superlotação das salas de aula.

Nesse exemplo, podemos observar que a primeira modalidade de ação ocorre dentro das possibilidades

mais evidentes e, apesar de parecer mais simples, colabora com a manutenção das condições precárias de trabalho e ensino/aprendizagem. Holzkamp (2016a) define essa modalidade como “capacidade de ação restritiva”, em contraste com a “capacidade de ação generalizada”, em que o sujeito reconhece, a partir da ação coletiva, possibilidades mais transformadoras da ordem social.

Holzkamp (2013) aponta que reconhecer possibilidades de ação é o primeiro nível de mediação entre indivíduo e sociedade. O segundo nível de mediação é a perspectiva do sujeito. Segundo o autor, até mesmo a professora que grita e pune os estudantes tem razões para agir dessa maneira, pois ninguém age contra seus próprios interesses deliberadamente. Por isso, a Psicologia pode contribuir para esclarecer a relação indivíduo/sociedade ao buscar as razões para a ação a partir da perspectiva do sujeito. Holzkamp entende que, dessa forma é superada a duplicidade entre mundo interno e externo: o que existe é um mundo único, tal como percebido pelo sujeito. As situações em que vivemos cotidianamente não agem sobre nós como “estímulos” produzindo “respostas”, mas como possibilidades de ação dentre as quais elegemos uma resposta a partir da forma como significamos aquela situação. Assim, o discurso da razão possibilitaria a compreensão dos significados atribuídos pelo sujeito às suas experiências.

Mais recentemente, o discurso da razão, tal como proposto por Holzkamp, tem sido objeto de críticas e propostas de complementação. Teo (2016), por exemplo, argumenta que a ênfase na razão como segundo nível de mediação na relação entre indivíduo e sociedade herda concepções da ciência ocidental que negligenciaram a importância da corporalidade. Portanto, ao complementar o discurso da razão com a noção de mente incorporada, é possível concebermos que hábitos e performances cotidianas podem estar na base de escolhas sobre as quais não temos total consciência. O autor apresenta o exemplo da quantidade de água que utilizamos diariamente, que pode ser excessiva em um contexto de abundância, mesmo sem uma razão para tal. Assim, Teo (2016) compreende que não precisamos nos engajar conscientemente nas ações para incorporar certos privilégios em nossa condução da vida cotidiana.

## PCA e condução da vida cotidiana

As concepções de Holzkamp sobre a condução da vida cotidiana foram elaboradas no final de sua vida, no início da década de 1990. Embora não tenha

conseguido desenvolver completamente uma nova fundamentação, ele deixou contribuições importantes para esse avanço (Markard, 2016). Holzkamp (2016b) explica que chegou ao estudo da condução de vida por meio de seus estudos sobre aprendizagem. Ao analisar as disparidades de desempenho de seus estudantes, percebeu que não era possível explicá-las apenas com base em diferenças na motivação ou habilidades, o que seria uma personalização excessiva do problema. Assim, ele reconheceu a importância das circunstâncias relacionadas à própria condução da vida de estudantes em diferentes contextos. Dedicou-se, então, a estudar mais a fundo o conceito e foi apresentado ao trabalho dos sociólogos do grupo de Munique, que o poupou da tarefa de realizar uma recuperação histórica do conceito e diferenciá-lo de estilo de vida ou curso de vida. Seu interesse pelos trabalhos do grupo se deu especialmente pela orientação ao sujeito, que o levava a compreender a ação humana para além de oferecer respostas às estruturas sociais como parte de uma massa – ou de classe social.

No entanto, Holzkamp (2016b) observou que o estudo da condução da vida cotidiana, como um conceito de mediação da relação indivíduo/sociedade, enfrentava limitações no campo da Sociologia, pois essa ciência realiza análises “em terceira pessoa”. Quando sociólogos falam sobre “individualização” ou “modernização” estão buscando significar tendências observadas na vida das pessoas, mas essas conceitualizações não necessariamente se manifestam para cada indivíduo. Pode-se falar em proximidades estatísticas, mas a perspectiva do sujeito, ou a “primeira pessoa”, é necessária se quisermos compreender por que alguém age de determinada forma e não de outra.

De acordo com Schraube e Højholt (2016), do estudo das formulações dos sociólogos de Munique, Holzkamp destacou algumas questões. Semelhante à ideia de heterogeneidade do cotidiano presente em Heller (1970), a diversidade de contextos foi enfatizada, visando ressaltar o que isso significa para o desenvolvimento do psiquismo. Essa diversidade de contextos, como trabalho, família, instituições religiosas e lazer, gera diferentes demandas por habilidades e comprometimento, conferindo uma característica multifacetada à personalidade humana, como discutiremos posteriormente (Dreier, 2016).

Outra característica importante da vida cotidiana é a escassez. Vivemos no mundo mais ou menos conscientes de que há limites de tempo, recursos, habilidades e, em última instância, da nossa própria vida.

Por isso, precisamos desenvolver uma “economia” da vida cotidiana, o que exige coordenar atividades e esforços com aqueles com quem convivemos nos diversos contextos, mas o fazemos a partir de relações de poder que podem nos conferir maior ou menor grau de influência (Schraube & Højholt, 2016). Porque vivemos ao participar com outros das práticas sociais, a condução da vida cotidiana não é um projeto individual, o que nos confere diferentes graus de autonomia e dependência, mas não há possibilidade de o fazermos a partir de uma autonomia completa.

Para integrar as diferentes demandas em uma condução da vida coerente, é preciso estabelecer prioridades e implementar rotinas que podem nos auxiliar a fazer o que é necessário e reservar tempo para perseguir interesses mais amplos. Dreier (2016) aponta que o uso do termo “rotina” para descrever tanto atividades simples quanto complexas pode gerar confusão, e sugere, em seu lugar, a noção de “arranjos pessoais”. Reconhecendo os limites da rotinização, visto que não podemos controlar todas as variáveis que influenciam nossas ações planejadas, os arranjos pessoais representam uma abordagem mais flexível e adaptável, permitindo ao indivíduo organizar uma ou mais rotinas dentro de estruturas mais amplas e dinâmicas.

Segundo Schraube e Højholt (2016), as rotinas dizem respeito a uma das três dimensões essenciais da vida cotidiana: a organização cíclica, caracterizada pela repetição diária que nos poupa da necessidade constante de negociar, refletir sobre ou justificar nossas ações. Para Holzkamp (2016b), a importância das rotinas se torna evidente quando são interrompidas, uma vez que servem como alicerces essenciais da nossa segurança cotidiana.

No entanto, rotinas não são a nossa vida inteira. Há uma segunda dimensão essencial da vida cotidiana denominada “Transcendência e atividades/experiências extraordinárias”, que tem um caráter mais produtivo, pois demanda certa ruptura com o habitual, diante de novos desafios. A partir das atividades extraordinárias, o sujeito geralmente experimenta sentimentos mais intensos – sejam eles percebidos como bons ou ruins e temos a impressão que é nestas experiências que “a vida de fato acontece” (Schraube & Højholt, 2016, p. 6). Segundo Holzkamp (2016b), não há um limite claro entre a vida cíclica e eventos extraordinários, uma vez que podemos, por diferentes razões, vir a significar as coisas mais banais da organização cíclica como fontes de verdadeira alegria, ou rotinizar algo que outrora foi fonte de uma experiência dramática. Para exemplificar, o autor imagina

uma pessoa que, recém-saída de um longo período de tratamento em um hospital, retoma sua rotina como algo extraordinário e encantador, ainda que a percebesse como monótona no período anterior à doença.

A terceira dimensão é a sensibilidade integrativa, na qual atribuímos sentido às experiências das duas outras dimensões. Aqui há uma integração entre passado, futuro e presente, onde o sujeito imagina uma boa vida, seus desejos e as possibilidades concretas de realização (Schraube & Højholt, 2016).

Diante dessas dimensões essenciais, Holzkamp aborda algumas implicações para a produção de conhecimento em Psicologia. Ao participar de uma pesquisa, a pessoa o faz como parte de sua vida cotidiana, cada cena registrada e analisada faz parte de um cenário mais amplo no processo de condução de vida. Se realizamos uma pesquisa em uma escola, por exemplo, devemos ter em mente que nas situações analisadas há uma intersecção de conduções de vida de atores envolvidos, cada estudante, professor(a), funcionário(a) reconhece suas possibilidades de ação e tem razões para agir de determinada forma. Mas essa intersecção implica, também, uma interdependência entre conduções de vida, o que dificulta a separação entre o “eu” e os outros, pois eles são parte do que constitui minhas possibilidades de ação.

Nessas interseções que ocorrem nos espaços compartilhados da vida, Holzkamp argumenta que a Psicologia tem um papel crucial quando vai além da mera descrição dos contextos externos e passa a explorar os significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas ações. As “teorias do pesquisador” devem se entrelaçar com as “teorias dos sujeitos”, garantindo que os resultados da pesquisa sejam frutos de um esforço coletivo. Isso desafia a hierarquia tradicional entre pesquisador e sujeito, formando uma “díade de pesquisa” (Holzkamp, 2013). Dentro dessa díade, o papel do(a) pesquisador(a) é fornecer uma terminologia que dê voz ao que não é explicitamente dito, ou ao conhecimento tácito, contribuindo, em última instância, para o “autoconhecimento social”. Essa ideia de autoconhecimento social ressalta que, nesse processo, não é apenas o indivíduo que se compreende melhor, mas também o coletivo do qual ele(ela) faz parte.

## Considerações finais

As reflexões delineadas ao longo deste artigo sublinham a importância de incorporar o cotidiano nas investigações e práticas psicológicas. Ao adotar a perspectiva do



sujeito sobre a condução de sua vida diária, emerge uma base sólida para analisar a dinâmica entre indivíduo e sociedade em diversos cenários de atuação. Este trabalho representa um esforço de decifrar, interpretar e consolidar as ideias de Holzkamp, em grande parte documentadas em textos em alemão e inglês, frequentemente obscurecidos por uma linguagem confusa decorrente do contexto caótico no qual sua teoria se desenvolveu.

Assim, este estudo se propõe a ser um convite para explorar e aprofundar essa obra, enxergando-a sob diferentes perspectivas. Ao ponderar sobre as contribuições de Holzkamp, Teo (2019) observa que, embora tenha criticado contundentemente a Psicologia tradicional, ele não reflete sobre a relevância da Psicologia Crítica Alemã em outros contextos, especialmente em países do Sul global. Nesse sentido, Teo sugere uma leitura crítica da PCA e a incorporação do que possa ser relevante para o avanço do pensamento em diferentes contextos receptores dessa abordagem.

Ao criticar a ausência de mundo e o desenho padrão, Holzkamp se alinha com os psicólogos latino-americanos que buscam construir um conhecimento situado no tempo e no território. Identificam-se, também, afinidades teóricas com a metodologia da pesquisa-ação-participação, especialmente no que tange ao papel ativo de participantes da pesquisa e na superação das condições restritivas e opressivas vivenciadas pela maioria da população, iluminando caminhos para a compreensão das diferentes formas de agir em contextos da vida cotidiana.

Por fim, as ideias aqui apresentadas possibilitam um diálogo prolífico com abordagens mais consolidadas no Brasil, tais como a Psicologia Histórico-Cultural, abrindo caminhos para compreensão dos processos de desenvolvimento que ocorrem na condução da vida cotidiana, bem como os sentidos e significados atribuídos às experiências cotidianas. Este diálogo pode ser ampliado e desenvolvido em futuros artigos.

## Referências

- Abel, T., & Cockerham, W. C. (1993). Lifestyle or Lebensführung? Critical Remarks on the Mistranslation of Weber's "Class, Status, Party". *The Sociological Quarterly*, 34(3), 551-556. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.1993.tb00126.x>
- Calderón, J., & Cardona, D. L. (2014). Orlando Fals Borda y la Investigación Acción Participativa: Aportes en el proceso de formación para la transformación. In Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini (Org.), *Hacia una Pedagogía Emancipatoria en Nuestra América: Miradas, experiencias y luchas* (P. Frisch & N. Stoppani, Comp.).
- Dreier, O. (2016). Conduct of everyday life: implications for critical psychology. In E. Schraube & C. Højholt (Eds.), *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 15-33). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Guzzo, R. (2016). O cotidiano como a materialidade do humano. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 8, 353-355.
- Heller, A. (1970). *O cotidiano e a história* (C. N. Coutinho & L. Konder, Trans.). Paz & Terra.
- Holzkamp, K. (1964). *Theorie und Experimente in der Psychologie: Eine grundlagenkritische Untersuchung*. De Gruyter.
- Holzkamp, K. (2013). Psychology: Social Self-Understanding on the Reasons for Action in the Conduct of Everyday Life. In E. Schraube & U. Osterkamp (Orgs.), *Psychology from the Standpoint of the Subject: Selected Writings of Klaus Holzkamp* (pp. 233-351). Palgrave Macmillan. (Texto originalmente publicado em 1996).
- Holzkamp, K. (2016/2018). *Ciência Marxista do Sujeito* (Tomos I e II. E. A. Kawamura, J. Meireles, L. B. de Oliveira, & R. S. L. Guzzo, Trans., S. Vollmer, Orgs.). Coletivo Veredas.
- Holzkamp, K. (2016a). A que se refere o par conceitual "capacidade restritiva de ação" versus "capacidade generalizada de ação"? In S. Vollmer (Org.), *Ciência marxista do sujeito* (E. A. Kawamura, J. Meireles, L. B. de Oliveira, & R. S. L. Guzzo, Trans., pp. 107-124). Coletivo Veredas. (Texto originalmente publicado em 1990).
- Holzkamp, K. (2016b). Conduct of Everyday Life as a Basic Concept of Critical Psychology. In E. Schraube & C. Højholt (Orgs.), *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 65-98). Routledge. (Texto originalmente publicado em 1995).
- Jurczyk, K. G., Voß, G. G., & Weihrich, M. (2016). Conduct of Everyday Life in subject-oriented Sociology: Concept and empirical research. In E. Schraube & C. Højholt (Orgs.), *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 34-64). Routledge.
- Lukács, G. (2018). *Para uma ontologia do ser social* (S. Lessa, Trad., Vol. 14). Coletivo Veredas. (Texto originalmente publicado em 1984).
- Markard, M. (2016). Prólogo. In S. Vollmer (Org.), K. Holzkamp. *Ciência marxista do sujeito* (pp. 9-30). Coletivo Veredas.
- Schraube, E., & Højholt, C. (Orgs.). (2016). *Psychology and the conduct of everyday life*. Routledge.
- Schraube, E., & Osterkamp, U. (2013). Introduction: Klaus Holzkamp and the Development of Psychology from the Standpoint of the Subject. In K. Holzkamp, *Psychology from the Standpoint of the Subject: Selected Writings of Klaus Holzkamp* (pp. 1-15). Palgrave Macmillan.
- Spink, M. J. (2014). *O cotidiano como foco de pesquisa na Psicologia: O que mudou nesses 50 anos?* [Palestra]. In Evento comemorativo dos 50 anos de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 4 nov. 2014
- Spink, M. J. P., & Spink, P. K. (2017). Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. *Quaestio – Revista de Estudos em Educação*, 19(3). <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2017v19n3p591-605>

- Teo, T. (1998). Klaus Holzkamp and the rise and decline of German critical psychology. *History of Psychology*, 1(3), 235-253. <https://doi.org/10.1037/1093-4510.1.3.235>
- Teo, T. (2016). Embodying the conduct of everyday life: From subjective reasons to privilege. In E. Schraube & C. Højholt (Orgs.), *Psychology and the conduct of everyday life* (pp. 111-123). Routledge.
- Teo, T. (2019). Diffraction when standing on the shoulders of giants: With and beyond Holzkamp. *Annual Review of Critical Psychology*, 16, 102-116.
- Tolman, C. W. (2009). Holzkamp's Critical Psychology as a Science from the Standpoint of the Human Subject. *Theory & Psychology*, 19(2), 149-160. <https://doi.org/10.1177/09593543091035>
- Weber, M. (1904/2004). *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* (J. M. M. de Macedo, Trad.). Companhia das Letras.

Jacqueline Meireles, Doutora em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas), é Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Endereço para correspondência: Praça Dom Helvécio 74 – Sala 2.17C, São João del Rei/ MG. CEP: 36301-160. Telefone: (32) 3379-5177. Email: [jmeireles@ufsj.edu.br](mailto:jmeireles@ufsj.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0570-0407>

Recebido em 01.mai.25  
Revisado em 14.out.25  
Aceito em 14.out.25